

REDES SOCIAIS E LITERATURA: O MEIO E O HOMEM PRODUZINDO HETEROGENEIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Táise Alves Moreira (PÓS-CRÍTICA/UNEB)¹⁴

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix

Resumo: O fenômeno das redes sociais nos últimos anos vem transformando a forma de relacionamento entre as pessoas; os modismos aparecem, as comunidades crescem, as redes sociais se reinventam trocam de nome e layout, mas o que se torna válido para observações é que em todos os casos, o fator humano está presente e cada vez mais absorvido pelos recursos apresentados como se a vida cidadina dependesse da utilização deles. Nessa proposta de pesquisa que entrelaça o sagrado e o profano, a literatura e a virtualidade, a escolha pelo literário se deu em virtude da padronização estética atribuída a teoria literária que, em um primeiro momento excluiria as formas fragmentadas que transitam no ciberespaço. Visto assim, o presente trabalho discorrerá sobre a possibilidade de produção de heterogeneidades quando da circulação de textos literários fragmentos nesse ambiente, a qual incidiria diretamente na formação de um “eu lírico” só que agora, na esfera digital identificado pelas publicações expostas através das imagens técnicas.

Palavras-chave: Fragmentos. Heterogeneidades. Literatura. Redes sociais

INTRODUÇÃO

Essa atual formatação social se transforma no objeto dessa pesquisa quando dela é extraída uma ação que passaria de forma imperceptível aos olhos da criticidade. Mas, devido as repetições e apropriações de imagens técnicas é possível identificar proposições pós-modernas. Mesmo conduzidos pelas possibilidades pré-programadas do sistema e conseqüentemente serem alvos dos dispositivos que as controlam, as redes sociais virtuais permitem através do processo da fragmentação, a circulação (compartilhamento) do embricamento entre texto e imagem como a língua mestre do meio.

Dessa forma, as “linhas do tempo” hoje encontradas e formuladas nas redes sociais (aqui foi escolhido o Facebook) retratariam outras subjetividades, além de possibilitar um fôlego às produções literárias que, apesar de cada vez mais fragmentadas passam por um processo de readaptação aos atuais moldes societários.

O corpus do trabalho fica então delimitado as observações de fragmentos de textos literários compartilhados na rede; as considerações para a crítica cultural são geradas quando dúvidas são expostas sobre como esse material pode caracterizar o cidadão que se apropria desse conteúdo como forma de apresentação no espaço urbano virtual, coisa que provavelmente presencialmente não faria.

¹⁴ E-mail: taisealves23@gmail.com

Essa tarefa permite compreender (ou, pelo menos, sair da superficialidade dos discursos) sobre o uso da literatura atrelada as imagens, na composição dos perfis sociais virtuais, além de desencadear um novo estatuto as imagens e aos textos reproduzíveis. Assim sendo, o trabalho de pesquisa inicialmente será composto por quatro capítulos que se articulam em prol de apresentar os dois lados, tanto o do ciberespaço e quanto o da literatura.

Como entrelaçamento de ambos se tem as apropriações de imagens técnicas que circulam na rede; para o alcance desse objetivo, a metodologia aplicada tende a analisar através desses perfis encontrados nas redes, as performances desses sujeitos em relação com as experiências urbanas.

Faz parte da pesquisa da linha 3, no pós-crítica devido aos atuais modos de vida que inevitavelmente, nos empurram para a virtualidade. As contribuições, para o programa, gravitam a partir dessa constatação e por permitir que outras pesquisas consumam as noções que serão apresentadas sobre as imagens técnicas que se formam nas redes sociais virtuais.

METODOLOGIA

É importante a definição de uma metodologia que se ajuste a pesquisa proposta. Aqui foi escolhido um caminho que atrela observações empíricas e conhecimentos acadêmicos para o alcance de outros significados. E assim, os três teóricos abaixo se correlacionam para a finalidade descrita.

Bachelard (2005) ressalta que todos vivem em contextos sociais e culturais simples ou complexos que geram saberes e, que o conhecimento prévio, mesmo que não fundamentado por teorias comprovadas cientificamente devem ser considerados e respeitados. É nesse ponto que se relaciona a Guinsburg (1990).

No momento em que descreve o ato observado, diante das pistas, dos rastros, das cartas, das diferenças levantadas, por vezes, em comparação a outros modelos epistemológicos também se pode chegar à ciência, a um método. Para tanto, o paradigma indiciário pautado no saber venatório consentiria que dados marginais e individuais pudessem compor o processo de fazer pesquisa.

A partir então das minhas observações nesse projeto, as redes sociais se transformaram não apenas em decorrência das inevitáveis reformulações espaço-temporais, mas em virtude de funções agregadas. Formulando reflexões sobre essa vertente, o material de Deleuze (1972) apresenta uma possibilidade de estudar o comportamento do próximo (e do meio), baseado

no que produz e que o resultado dessas observações interfere nas estruturas mais profundas que corresponderiam a um significado inconsciente.

Pelo fato de que, as teorias encontradas ainda não acompanham a velocidade com que as peças do sistema se movem e devido à emergência que se apresenta para novos escritos sobre os sujeitos urbanos no espaço público virtual coloco como importante a observação das composições híbridas compostas por imagens e textos encontrados nos perfis dos usuários de redes sociais.

OS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo, o objetivo da pesquisa é apresentar a virtualidade, em específico as redes sociais virtuais tais como são percebidas. Os diálogos transcorrem a partir dos eixos descritos abaixo.

Sobre o processo da reprodutibilidade técnica utilizando o pensamento de Benjamin (1987) defendendo a ideia de que as fragmentações textuais começaram a partir desse ponto e se transformaram em uma necessidade social voltada para o consumo daquilo que pode denotar status. Além de considerar que tais ponderações deram início ao que conhecemos como imagens técnicas (FLUSSER, 2002 e 2008) propagadas pelas redes virtuais.

Por esse caminho, a sugestão é enxergar as redes virtuais como um meio alienador e estimulador do consumo com a finalidade de visibilidade social. Para essa articulação são utilizados os conceitos de Debord (1997) que transitam sobre a constituição de uma sociedade do espetáculo.

Outro momento abordado se refere à desvinculação das noções de dispositivos e aparelhos. Entre as teorias de Agamben (2009) e as de Foucault (1979), as do segundo autor foram escolhidas para o desenvolvimento da dissertação, visto que melhor se articulam com a pesquisa abrindo espaço para outras conceituações mais específicas para o caso. Para tanto, os pontos identificados como lacunas no trabalho de Agamben (2009) são supridas pelas propostas de Flusser (2008), no que tange as definições sobre aparelhos.

O debate se estende para as preposições sobre a utilização do meio apenas como forma de diversão (FLUSSER, 2008) e (BENJAMIN, 1987); muito embora algumas ações do aplicativo Facebook, como o “curtir” tenham essa função ela se apresentaria muito mais como uma forma de validação social dos atos praticados na rede.

Nesse ínterim, as explicações sobre a escolha pela rede social Facebook se reportaria ao fato de que é possível nesse aplicativo identificar algumas dessas pistas expostas (diversão, alienação e consumo). Ainda que para isso, seja necessário um método de trabalho que vasculhe pontos normalmente desconsiderados em virtude de uma massificada utilização e conceituações externadas apresentadas como pouco importantes. Mesmo envolto as colocações pessimistas do ponto de vista da crítica cultural, o encerramento do capítulo visa apresentar a rede sem esquecer-se dos novos usos (CERTEAU, 1998) que as articulações midiáticas podem proporcionar através das imagens técnicas (FLUSSER, 2008).

O segundo capítulo se destina discorrer sobre a literatura a partir de algumas hipóteses que ainda serão definidas. Entretanto tem-se de concreto que, a escolha por esse tipo de arte ocorreu após observações do meio, que demonstraram que as imagens técnicas que circulam nas redes sociais virtuais se valem desse tipo de material para a constituição de novos (outros) sentidos. Independente de serem classificadas como pós-modernas ou clássicas ou mesmo estarmos presenciando o nascimento de uma “outra teoria literária” a proposta para o trabalho é a descrever essa atual “expressão literária” que é difundida pelas redes sociais. Os autores que auxiliam nesse momento são Zappone (2003) e Eagleton (2006). As hipóteses seriam inicialmente:

Desenvolver nesse capítulo sobre o que seria uma literatura pós-moderna, visto todo um processo de fragmentações textuais que ocorre na atualidade;

Pensar em como a literatura é utilizada, a ponto dos sujeitos se apropriarem dos textos e se apresentarem (a montagem dos perfis sociais) através desses materiais (imagens técnicas);

Ou ainda, pensar nessa forma de circulação literária na rede como uma maneira contrária ao que defendeu o formalismo russo. Uma fuga de padrões estéticos, linguísticos, mas que acabam criando outras formas estéticas pós-modernas (as fragmentações) em decorrência da proposta dos novos usos abordada ainda no primeiro capítulo.

Já no terceiro capítulo a proposta é tentar visualizar se essa forma de circulação dessa nova “expressão literária” (imagens técnicas) que teria por função a constituição dos perfis sociais (o “eu-lírico virtual”) pode ser vista como uma produção de heterogeneidades ou uma apropriação voltada para o suprimento de necessidade sociais dos sujeitos urbanos nesses tempos de capitalismo tardio. Os autores para esse diálogo são Bataille (1993), Drummond (2013) e Jamerson (1996).

Por fim, no último espaço (o quarto capítulo) o objetivo é a apresentação dos grupos estudados na rede que representariam essa aproximação entre os sujeitos urbanos na virtualidade e as imagens técnicas. Para esse trabalho, por enquanto foram escolhidos três grupos abertos que acolhem um grande número de usuários no Facebook, com a finalidade de trocarem informações, comentários e imagens técnicas sobre os seguintes autores literários: Fernando Pessoa, Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu (os grupos escolhidos foram delimitados a partir de observações empíricas do meio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao passo que, inevitavelmente somos empurrados para um caldeirão cultural, sob a máxima da globalização, na qual a própria sociedade tenta mesclar as diferenças, quebrar as linhas imaginárias de segmentação geográficas, religiosas, ideologias e culturais surgem correntes que atentam para os excessos praticados nessa tentativa de aglutinação cultural.

Nessa era de fragmentações múltiplas, as quais abrangem tanto os corpos físicos quanto os virtuais passando pelos objetos e pelos sentimentos por eles produzidos, o homem pós-moderno que, por vezes, simplesmente se liquefaz no meio, se apresenta invadido por concepções urbanas. Essa observação é alcançada quando são apontados que posicionamentos sociais emergem como pontos facilitadores ou pacificadores que ao serem aplicados reforçam comportamentos ou reprovam aqueles sujeitos que não se modelaram as determinações impostas.

O que é sugerido com essa colocação é que se torna perceptível, a partir de uma investigação rasa da superficialidade das relações atuais, que os cidadãos que compõem desde as megalópoles até as pequenas cidades estariam inevitavelmente se rendendo as transformações desenvolvidas para uma coletividade e as absorvendo para dentro dos próprios limites do ser (vale ressaltar que, a absorção das novidades conceituais não é um problema, mas da maneira que esse processo ocorre é que merece maiores pontuações).

Assim, na contemporaneidade, a internet e a proposta a ela atrelada de um pacote de serviço de informações de maneira rápida e eficaz revolucionou o conceito de vida em coletividade, no momento em que criou uma espécie de terceiro olho que enxerga e permite interações com o mundo, e conseqüentemente com os grupos heterogêneos que compõe a sociedade (tudo isso, em uma dimensão virtual).

É o meio no qual hoje circulam as representações artísticas sob a figura das imagens técnicas; uma máquina de reprodutibilidade que alcança vários segmentos de vida dos sujeitos, principalmente na dos urbanos, visto que, a facilidade de uso, o acesso e a aquisição é maior por parte do público cidadão. O que não descarta que tais acontecimentos se desenrolem em um ambiente campestre.

A título de pesquisa, os sujeitos urbanos foram aqui escolhidos para as observações por utilizarem massificadamente esse meio em troca (na maioria das vezes) de uma visibilidade social, mas que também propiciaria a formação de identidades virtuais paralelas as que se encontram visíveis no “mundo real”. A internet concede a existência de sistemas de produção que capturariam as pessoas a fim de que sirvam de modelo coletivo; todavia, as fragmentações técnicas encontradas poderiam ser utilizadas de maneira que ultrapassariam as pré-configurações do sistema.

Por fim, as redes sociais virtuais se apresentam (e nessa proposta de pesquisa delimitaremos os dois últimos anos) como um marco cronológico que divide o século XXI em antes e depois do surgimento e propagação da internet. Um pequeno espaço criado dentro de um universo que abarca a todos sob a capa de um local acolhedor e democrático; ou seja, uma sociedade virtual. E nela, as novas expressões literárias surgiriam como um elo que proporciona a emersão de outros sentidos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícios Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico: plano da obra. In: *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BATAILLE, G. *Le dictionnaire critique*. Paris: L' Ecarlate, 1993.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Trad. Sérgio P. Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: Usos e táticas. In: *A Invenção do Cotidiano*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. A mercadoria como espetáculo. In: *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo?. In: François Châtelet, éd., *Histoire de la philosophie*, t. VIII. *Les Lumières XXe siècle*, Paris, Hachette, “col. Pluriel”, 1972.

DRUMMOND, Washington Luis Lima. A escrita literária: heterologia, despesa e os dispositivos estatais. Campina Grande: *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC* Internacionalização do Regional, 2013.

EAGLETON, Terry. O que é literatura? In: *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Waltersir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: *A microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FLUSSER, Villém. *O universo das Imagens Técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: Ana Blume, 2008.

FLUSSER, Villém. *Filosofia da Caixa Preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 2002.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

JAMERSON, F. Elaboraões Secundárias. In: *Pós-Modernismo e a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

ZAPPONE, Mirian Hisae Y.; WIELEWICKI, Vera Helena G. Afinal o que é literatura? In: BONNICI, T. ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2003.

ESCRITA DE MULHERES NEGRAS ENTRE MODOS DE PRODUÇÃO ALTERNATIVOS NO CONTEXTO PÓS-MODERNO E CAPITALISTA

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza¹⁵

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: O seguinte trabalho reflete sobre modos de produção litero-cultural e econômico de escritoras negras, incluindo essa discussão em um âmbito maior que abarca questões étnicas e de gênero. Refletimos sobre essa problemática no contexto atual do capitalismo e da constituição de uma indústria pautada pela lógica cultural-subjetiva e individualista. Para tanto nos embasaremos em autores como Alves (2010); Jameson (2004); Santos e Rodriguez (2005); Singer (2006), entre outros. Assim, como escritoras negras podem se construir dentro desse contexto, como produzem e fazem circular seus escritos? Quais relações de poder estão circunscritas nesse processo? Procuramos desse modo, visualizar em que medida elas rasuram uma ordem, mercadológica e capitalista pela tessitura de outros modos de produção.

Palavras-chave: Capitalismo. Economia solidária. Escritoras negras. Modos de produção

No contexto pós-moderno, marcado sob a rubrica do capitalismo é importante questionar quais as condições que escritores (as), aqui em especial, mulheres negras tem para produzir, publicar e fazer circular seus escritos. Através das vozes de Fátima Trinchão¹⁶ e Jocelia Fonseca¹⁷, buscamos perceber modos de operar de escritoras à margem de um sistema hegemônico.

Nesse sentido torna-se interessante atentar para modos de produção que para além de um sentido mercadológico e capitalista, visem à produção de outra economia que tenha como fundamento a valorização e o cuidado com o humano, com o social.

Sendo assim, consideramos pertinente pensar sobre os modos de operar desses grupos, especificamente aqui, refletir sobre os modos de produção de escritoras negras baianas, visando perceber, em que medida elas rasuram uma ordem literária, cultural, social, mercadológica, estatal, capitalista.

Partindo da premissa de que o capitalismo está em todo lugar, como pensar uma produção subjetiva, material, cultural, imagética, que vá além do econômico? Neste contexto,

¹⁵ Mestranda do Pós-Crítica, UNEB-Campus II, e-mail: tai_campos@hotmail.com.

¹⁶ Escritora nascida no município de Euclides da Cunha-BA, atualmente vive em Salvador, onde formou-se em Letras com Francês. Escreve contos, poemas crônicas, tendo como vertente de trabalho a valorização da cultura afro-brasileira e africana, bem como a defesa dos direitos humanos e o respeito entre os mesmos.

¹⁷ Escritora nascida às margens do Rio São Francisco, em Juazeiro-BA, onde começou seu fazer político-poético e teatral. Reside desde 1997 em Salvador, onde graduou-se em Letras. Seu trabalho tem como foco a defesa da alma fêmea, a valorização da estética e força femininas e da cultura afro-brasileira e africana.